

## OS (DES)CAMINHOS DA ESQUERDA NA LUTA PELA SUPERAÇÃO DA CONTRADIÇÃO ENTRE CAPITAL E TRABALHO<sup>1</sup>

Ivo Tonet

### Introdução

Não é novidade que a humanidade está atravessando uma crise de proporções gigantescas. É uma crise que parece não ter muita possibilidade de ser superada, como normalmente o são as crises típicas do capitalismo. Todos sabemos, pelo menos quem conhece a lógica do capital, que capitalismo é sinônimo de crise. Que crise não é um defeito que possa ser superado. Diferentemente das crises cíclicas, que, pelo menos durante um certo tempo podiam ser superadas, a que hoje é vivenciada é uma crise que está se manifestando como algo insuperável. É o que Mészáros chama de crise estrutural e outros denominam de crise sistêmica ou crise de fundamentos. Enfim, é algo que se prolonga, mais ou menos, desde os anos 1970, com altos e baixos.

Entrar em uma crise, resolver a crise, chegar em outro patamar, resolver de novo e chegar em novo patamar. Isso tem sido a norma que rege o capital. Nessa última, o capital ainda não conseguiu dar a volta por cima e parece que não há uma solução à vista. Não no sentido de resolver definitivamente, mas de encontrar outro patamar que dure pelo menos alguns anos dentro de certa normalidade, sem que isso signifique estabilidade absoluta do capital.

Como sabemos, após os estudos de Marx, toda crise implica uma nova reestruturação produtiva, um conjunto de medidas econômicas, políticas e sociais, cujo cerne é sempre a intensificação da exploração dos trabalhadores. Outros elementos entram nessas crises, mas o elemento fundamental é o fato de que o capital só consegue sair da crise intensificando a exploração dos trabalhadores. Todavia, como no caso atual, essa intensificação da exploração dos trabalhadores nem sempre é suficiente para superar a crise.

Na crise atual, então, o que nós vemos é que o capital intensificou enormemente a produção de tecnologia e o rebaixamento do valor da força do trabalho, pois a utilização cada vez mais intensa da tecnologia implica menos força de trabalho, menos gente empregada, portanto, mais desemprego, mais precarização, mais privatização. Não é, portanto, a falta de capacidade de produzir riquezas, mas o excesso de capacidade, porém, regido pela lógica do capital, que é o responsável fundamental pela crise atual.

---

<sup>1</sup> Em meu site - [ivotonet.xp3.biz](http://ivotonet.xp3.biz) - e no site de Sérgio Lessa - [sergiolessa.com.br](http://sergiolessa.com.br) - podem ser encontrados outros textos relacionados à problemática acima, especialmente: O Grande Ausente; O Grande Ausente e os problemas da educação; Recomeçar com Marx; Estudar Marx; Marxismo para o s. XXI, de minha autoria e: Cadê os operários; Proletariado e sujeito revolucionário; O revolucionário e o estudo, de Sérgio Lessa.

Sabemos que há invenções que poderiam ser inseridas no mercado, mas não podem porque não são lucrativas. O próprio capital, avançando no seu desenvolvimento chega a essa situação em que de um lado explora cada vez mais os trabalhadores, mas com isso gera mais desemprego, subemprego, precarização e isto significa que a taxa de lucro tende a decrescer. O que é a taxa de lucro? É, sem entrar em detalhes, o que os capitalistas ganham explorando os trabalhadores. Máquina nenhuma produz valor; esse é o problema do capital. A única mercadoria que produz valor é o trabalho humano. Quanto mais máquinas e menos trabalho humano, obviamente menos valor. Claro que há outras questões envolvidas nisso e estou apontando apenas um elemento fundamental.

A humanidade teria, hoje, condições, por obra e graça do capital, de viver uma vida absolutamente digna para todo mundo. Todo mundo poderia trabalhar no máximo um dia na semana e folgar todos os outros dias. Isto não é uma invenção, não é uma especulação, isto é comprovado por pesquisas de órgãos insuspeitos de serem anticapitalistas ou marxistas. É claro que isso na lógica do capital não é possível porque ele não permite. É da natureza dele concentrar cada vez mais riqueza em poucas mãos e investir mais em tecnologia para baratear o processo de produção. Isso leva a essa lógica maluca do sistema absolutamente anti-humano. Esse é o miolo da crise.

Como o capital enfrenta isso é o que vamos ver para entender a situação atual. É empiricamente visível, de um lado, que o que assistimos hoje é um avanço devastador e brutal do capital sobre os trabalhadores. As recentes medidas que nós estamos vendo no Brasil são uma clara expressão disso. O capital está avançando, levando de roldão os trabalhadores. Diante dessa situação, a palavra de ordem mais ouvida é que os trabalhadores devem resistir. No entanto, o fato é que nem sequer resistir eles conseguem. Muito menos avançar na sua luta. Alguma coisa está profundamente errada nessa concepção. A pergunta que deveria ser feita e precisaria ser respondida é: por que os trabalhadores não conseguem sequer resistir a esses brutais avanços do capital?

Resistência virou uma palavra vazia, que deve ser examinada melhor, e só poderemos entender melhor o que está acontecendo se fizermos, mesmo que de modo muito resumido, a trajetória da luta entre o capital e o trabalho desde o século XIX até hoje. Só assim compreenderemos porque os trabalhadores estão nessa situação, incapazes de resistir aos ataques do capital.

### **A luta entre capital e trabalho a partir do século XIX**

Para podermos compreender e fazer uma crítica dos descaminhos da esquerda, precisamos, antes, expor, mesmo que sucintamente, a teoria marxiana da revolução e do socialismo.

Segundo Marx, o trabalho é a categoria fundante do mundo social. É através do trabalho que os homens transformam a natureza e a si mesmos, dando origem a um novo tipo de ser que é o ser social. A partir do trabalho surgem outras categorias sociais como linguagem, educação, ciência,

religião, política, arte etc. Todas elas têm uma dependência ontológica em relação ao trabalho, mas também uma autonomia, embora relativa e, por fim, existe, entre todas elas, uma determinação recíproca. Toda forma de sociedade sempre terá, como seu fundamento, uma determinada forma de trabalho. Assim foi que o trabalho de coleta dos frutos da natureza fundou a comunidade primitiva, o trabalho escravo, o modo de produção escravista, o trabalho servil, o modo de produção feudal e o trabalho assalariado funda o modo de produção capitalista.

Ao examinar a sociedade burguesa, Marx conclui que o modo de produção ancorado na exploração do trabalho pelo capital implica uma contradição radical entre o capital e o trabalho, entre quem produz a riqueza e quem é proprietário dos meios de produção e se apropria da riqueza. Isso significa que para que os trabalhadores possam se tornar membros plenos do gênero humano, precisam ter acesso à riqueza material e espiritual (no sentido de intelectual e cultural) que vem sendo produzida pela humanidade e que se transformou em patrimônio comum. Ora, nesta forma de sociedade, capitalista, com esta contradição entre capital e trabalho, isso é totalmente impossível. Por isso mesmo, também não é possível a formação humana integral porque não se trata apenas de ter acesso ao conhecimento, mas a tudo o que é necessário para o ser humano como totalidade.

Diante disso, conclui Marx que só existe um meio para que os que produzem a riqueza tenha efetivamente acesso pleno a ela: destruir esta forma de sociedade e construir outra, fundada em outra forma de trabalho que não seja o trabalho assalariado. Ou seja, é preciso construir uma sociedade comunista que tenha como base uma forma de trabalho que se chama trabalho associado. Vale enfatizar que trabalho associado não é nem economia solidária, nem trabalho voluntário e nem trabalho sob a forma de cooperativas. A essência do trabalho associado consiste em todo mundo trabalhar, todo mundo contribuir para produzir a riqueza (todo mundo obviamente quem tem capacidade, possibilidade), e todo mundo ter acesso à riqueza produzida na medida das suas necessidades.

Se a riqueza é produzida em abundância, é claro que todos podem e devem ter acesso a ela. O trabalho associado é uma forma de trabalho em que os produtores podem controlar de maneira livre, consciente, coletiva e universal o processo de produção e distribuição da riqueza, mudando o caráter da produção, voltando-a não para o valor de troca, para o lucro, mas para o valor de uso e com isso podendo organizar o processo de produção segundo as necessidades humanas. A principal e absolutamente necessária condição para que o trabalho associado possa existir e, portanto, que seja possível fundar uma forma de sociabilidade comunista, é o alto desenvolvimento das forças produtivas. Não qualquer desenvolvimento, pois sabemos que a máquina pode servir a isso ou àquilo. A máquina pode servir ao capitalismo ou servir ao comunismo, depende da relação social na qual ela se insere. Trata-se de um desenvolvimento voltado para o atendimento das necessidades humanas.

Em resumidas palavras, comunismo é uma articulação entre tempo de trabalho necessário - que é o trabalho associado - e um enorme tempo livre, no qual as pessoas podem de fato dar vazão às suas potencialidades. Esse tem que ser o objetivo da classe trabalhadora e para atingir esse objetivo é preciso fazer uma transformação radical, no sentido de mudar a raiz da forma de trabalho capitalista, que é o trabalho assalariado. Esse objetivo tem que estar no horizonte da classe trabalhadora e para atingi-lo tem que lançar mão de uma mediação absolutamente inescapável que se chama revolução.

Normalmente quando se ouve falar em revolução já se pensa logo na tomada do poder político e em questões militares. Porém, essa não é a essência da revolução. Nem a questão política nem as questões militares são a essência da revolução. A essência da revolução é a mudança na forma do trabalho e, no que se refere à revolução proletária, é acabar com o trabalho assalariado e, obviamente, com todas as categorias daí decorrentes, como mais-valia, a exploração do trabalhador, mercadoria, valor de troca etc. e, em seu lugar, instaurar o trabalho associado. Essa é a essência da revolução; a dimensão política é apenas uma mediação para chegar a ela.

Segundo Marx (2017), a revolução proletária tem que ser uma revolução política com alma social, ao contrário do que foram as outras revoluções, sociais com alma política. As revoluções anteriores mudaram a forma do trabalho e do poder, mas mantiveram a propriedade privada e a exploração do homem pelo homem. A revolução proletária deve congrega dois momentos fundamentais, o momento político e o momento social. O momento político é a destruição do Estado burguês. Não é a tomada do Estado burguês, não é assumir o Estado para, através dele, fazer transformações que levem ao socialismo. É destruir mesmo o Estado burguês. É preciso entender que o Estado moderno é sempre subserviente ao capital por sua natureza. Ele pode ser mais ou menos subserviente. Uma coisa é clara: o poder real não está no Estado, é o capital que detém o poder fundamental. O Estado é apenas expressão política deste poder. É ilusão achar que o poder está nas mãos de quem ocupa os postos do Estado. O poder fundamental está no capital. Não adianta tomar o poder político se não se arrancar a matriz do poder que é o capital. A destruição do Estado burguês é a mediação fundamental para que seja possível fazer um conjunto de transformações na base econômica que instaurem o trabalho associado. Este constitui o momento social da revolução: a eliminação do trabalho assalariado, fundamento do capitalismo e a instauração do trabalho associado, fundamento do comunismo. Isso é, de maneira absolutamente resumida e simplificada, a teoria marxiana do comunismo e da revolução.

Examinemos, agora, a partir desses parâmetros, a luta entre o capital e o trabalho que começou no século XIX, quando o capitalismo, a partir da Revolução Francesa, foi se tornando o modo de produção dominante. É nesse momento que a classe trabalhadora entra em cena e começa a luta contra o capital. No decorrer dessa luta ela vai adquirindo consciência política, isto é, consciência dos interesses das diversas classes, dos seus interesses e das contradições no interior da sociedade.

Desenvolve-se, então, uma luta de vida ou morte entre capital e trabalho. Essa luta tem uma história e os caminhos da esquerda são parte dela.

Partindo do começo do século XIX até mais ou menos metade do século XX, podemos perceber que ao longo dessa luta entre capital e trabalho, este último tentou várias vezes derrotar o capital. Já em 1848 assistimos a um conjunto de tentativas revolucionárias. Nos países mais desenvolvidos da Europa, França, Alemanha, Áustria, Bélgica, Holanda, norte da Itália há um conjunto de tentativas revolucionárias, por ocasião das quais Marx e Engels escreveram o *Manifesto do Partido Comunista*. Tais tentativas foram todas derrotadas e era previsível que fossem, porque o capitalismo ainda estava emergindo como forma social, era um capitalismo jovem, ainda estava nos estágios iniciais de seu desenvolvimento.

Em 1871 a Comuna de Paris tentou novamente. Foi uma tentativa de assalto ao céu, ou seja, uma tentativa de superar o capitalismo, que obviamente também não poderia ter sucesso porque o capitalismo ainda era muito jovem e tinha muito espaço para se desenvolver. A partir dessas derrotas, de 1848 e de 1871, o capitalismo teve amplo espaço para se desenvolver.

A partir de 1870, mais ou menos, o capitalismo teve um enorme espaço de desenvolvimento, especialmente na Alemanha, mas também na França, na Inglaterra, depois nos Estados Unidos. Um conjunto de circunstâncias, que não podemos abordar aqui, mas que podem facilmente ser encontrados em textos e livros, favoreceu enormemente o desenvolvimento do capitalismo. Essas circunstâncias permitiram que o desenvolvimento do capitalismo tivesse como consequência, também, uma melhoria relativa da classe trabalhadora. Não é à toa que a produção teórica de Marx, que é uma produção revolucionária, anticapitalista, começou a ser repensada por uma série de teóricos, imprimindo a ela um tom reformista.

Gera-se, então, a ideia de que é possível mudar o mundo e chegar ao socialismo sem precisar fazer uma ruptura radical com a ordem do capital. Quando a participação política da classe trabalhadora foi legalizada, criou-se a ideia de que, sendo ela muito numerosa, poderia levar adiante seus objetivos sem quebrar a legalidade e, portanto, sem uma ruptura radical com o Estado e o capital. Passou-se a acreditar que seria possível conquistar o Estado e por meio dele tomar com medidas econômicas, políticas e sociais que, de modo gradual, levariam ao socialismo. É o primeiro momento em que começa a surgir uma teoria reformista na classe operária. Como se pode ver, essas ideias eram frontalmente contrárias à teoria marxiana. Abandona-se a centralidade do trabalho para substituí-la pela centralidade da política.

Na virada do século XIX para o século XX, o capital entra em crise e dá início a uma disputa interimperialista muito séria. O capital passa de uma fase concorrencial para uma fase monopolista, passa de uma fase mais colonial para uma fase mais imperialista. Isso significava privilegiar os investimentos financeiros em vez da força militar, embora essa nunca fosse inteiramente descartada.

Os investimentos nos países periféricos constituiriam uma fonte muito importante para carrear as riquezas daqueles países para os países centrais.

Isso gera uma séria disputa entre as grandes potências capitalistas que vai dar na Primeira Guerra Mundial. Essa crise gera em vários países consequências muito graves e gerou, especialmente na Rússia, uma contradição muito intensa porque a Rússia era um país atrasadíssimo, que vivia praticamente ainda em um sistema semifeudal, com uma aristocracia predatória brutal. Disso decorre que a Rússia entra no conflito e começa a perder a guerra, o que provoca inúmeras contradições na cidade e no campo. Moral da história: acontece um processo revolucionário que repõe a teoria marxiana, que pode ser encontrada - embora com cautela - no livro do Lenin chamado *O Estado e a Revolução*. A essência desse livro está na crítica à socialdemocracia, na crítica ao reformismo e na afirmação de que o Estado tem que ser destruído para poder destruir o capital. Ou seja, a perspectiva revolucionária é recolocada na ordem do dia.

Infelizmente, por inúmeros motivos e circunstâncias, a teoria marxiana não pôde ser efetivada. Essa revolução, que se pretendia socialista, ou seja, uma revolução que fosse o período de transição para a uma sociedade comunista, não conseguiu avançar. Foi bloqueada de imediato porque uma revolução proletária implica três condições sem as quais não pode acontecer. A primeira condição é um alto desenvolvimento das forças produtivas que permita, a partir desse patamar, transformar essa forma de produção exploradora em uma forma de produção associada. O trabalho associado só pode entrar em cena se houver abundância; não há comunismo possível na miséria, na pobreza humana; isso está claramente posto em *A Ideologia Alemã* de Marx e Engels (2007).

A segunda condição é a necessidade de universalizar esse novo sistema, porque o capitalismo já tornou a humanidade um ente universal real. Há uma interdependência de todos os lugares, de todos os países, de todas as regiões do mundo, de tal modo que nenhum lugar, nenhum país, nenhuma região pode produzir sozinho toda a riqueza que hoje seria necessária. Portanto, o comunismo tem que ser universal. Para garantir a transição é preciso que haja a universalização da revolução (MARX, 2012).

A terceira condição se refere ao fato de que o capitalismo só pode ser superado se ele já tiver esgotado as suas potencialidades, ou seja, se ele tiver chegado ao momento em que a taxa de lucro não consegue mais voltar a subir de modo estável, obviamente no sistema global e não em alguma região ou em algum momento, como globalidade; que o capitalismo não tenha mais como buscar em outros cantos do mundo formas de superar a sua crise. Nenhuma destas três condições estava presente na Revolução Russa. Por tal motivo, essa revolução não pôde ser efetivamente socialista. O objetivo era esse, mas as condições concretas não permitiram. O que interessa sinalizar é que o objetivo foi colocado claramente no horizonte, não é reforma, é revolução, que significa destruir o Estado, destruiu o capital e construir as bases materiais que possam sustentar o comunismo.

A revolução não pôde prosseguir e começou a regredir. O retrocesso da Revolução Russa começou em dezembro de 1917 e não com Stalin. A literatura tradicional diz que até a morte do Lenin a revolução foi socialista, que ela degenerou com Stalin, porém, isso não é verdade. Essa questão pode ser demonstrada através de inúmeras medidas, de natureza diversa, tomadas pelo partido bolchevique, que estava no poder. O fato é que essa revolução que se pretendia socialista não pode prosseguir e começou o retrocesso. Todavia, uma série de medidas econômicas tomadas, a exemplo da estatização, da nacionalização, do planejamento centralizado da economia, tudo isto foi considerado socialista ou, pelo menos, o processo de transição que é tecnicamente a ideia do socialismo.

A União Soviética foi considerada, então, a “pátria do socialismo”. Com isso foi elaborada a ideia de que é plenamente possível instalar o socialismo num só país, algo absolutamente ao contrário às ideias de Max. Um dos dois estaria errado e a história mostrou que Stalin estava errado. Porém, isso só foi percebido pela imensa maioria das pessoas com o passar dos anos.

Durante várias décadas se construiu toda uma ideologia para demonstrar que a Rússia era socialista e depois a China e Cuba também eram, ou seja, que era possível construir o socialismo num só país. Por isso, foi traçada toda uma estratégia para defender a “pátria do socialismo”. E, claro, a União Soviética saiu da guerra civil, das invasões estrangeiras, da primeira guerra mundial extremamente devastada econômica, política e socialmente. Tinha que fazer uma tarefa que na verdade era uma tarefa da burguesia, não era uma tarefa do proletariado, que era desenvolver as forças positivas, criar riqueza, desenvolver ciência, maquinaria, tecnologia, para produzir riqueza rapidamente e em grande escala.

Ora, produzir riqueza rapidamente e em grande escala, a partir dessa base precaríssima, só seria possível intensificando a exploração dos trabalhadores, o que obviamente não é tarefa dos próprios trabalhadores, explorar a si mesmos. Por isso que se constituiu toda uma burocracia estatal que na verdade se apropriava da mais mais-valia e a distribuía, sendo ela a mais privilegiada. Quais as consequências disso? A construção de outro Estado, mais poderoso ainda do que o anterior, chamado de Estado operário, de Estado socialista.

Tomando como base a teoria marxiana, alguma coisa está profundamente errada nessas concepções. Infelizmente, a maioria dos partidos comunistas que foram formados em todo o mundo, o sindicalismo e todos os partidos de esquerda foram levados a assumir essa estratégia de defender a “pátria do socialismo”. Prevaleceu a ideia de que não se deveria partir para a revolução, bater de frente com o capitalismo porque ele, no momento era muito poderoso e o “socialismo” muito frágil. O que se teria que fazer? Duas coisas: a primeira, a coexistência pacífica entre o sistema “socialista” e o sistema capitalista. Desse modo, seria possível fortalecer o campo “socialista” até chegar o dia de bater de frente com o capital. A segunda, frear todo o processo revolucionário, todo o avanço. Frear

significava não permitir que se avançasse na luta contra o capital e contra o Estado (CLAUDIN, 2013).

Isso levou a União Soviética e seus satélites a não apoiar efetivamente a revolução espanhola de 1936-1939, as resistências francesa e italiana no final da segunda guerra mundial, mesmo que dirigidas pelos comunistas. Também levou a União Soviética a permitir a derrota da revolução grega, também no final da Segunda Guerra Mundial, tudo em relação à crença de que não se deveria bater de frente contra o capital neste momento.

Com isto, após a vitória dos Aliados sobre a Alemanha na Segunda Guerra Mundial, abriu-se um período de 30 anos chamado de *Os 30 anos gloriosos*, formado pelo Estado de Bem-Estar Social. Tem-se, então, um novo período de desenvolvimento do capitalismo que teve no saque das riquezas dos países periféricos um elemento fundamental. Prevalece a ideia de que aumentando a riqueza sobra também para classe trabalhadora. Pelo menos uma parte dessa classe teve acesso a um nível de vida bem melhor e nós vimos na Alemanha, na França, na Inglaterra o que se chamou de Estado de Bem-Estar Social.

Aquela estratégia geral, liderada pela União Soviética, e a melhoria da situação da classe trabalhadora foram gerando uma consciência reformista de novo. A ideia de que não é preciso fazer revolução, pois é possível, através da melhoria da situação econômica e política da classe trabalhadora, participando do sistema democrático burguês, tomar o Estado e através dele transformar o mundo. A socialdemocracia alemã acabou se tornando inimiga dos comunistas e permitindo ascensão do nazismo. Resumindo um pouco a questão: os dois caminhos foram reformistas. Tanto o caminho socialdemocrata quanto o caminho revolucionário de tipo soviético, embora com muitas diferenças, levaram ao mesmo lugar.

Passa-se a defender a ideia de que é possível tomar o Estado – seja ele um Estado socialdemocrata ou um “Estado operário”, e através dele avançar no sentido do socialismo. Atribui-se, portanto, à dimensão política a tarefa de dirigir o processo de transformação social. A centralidade do trabalho é substituída pela centralidade da política.

A classe trabalhadora, no sentido amplo do termo, foi se educando a partir das transformações materiais e sendo educada pelos partidos comunistas, pelos partidos socialistas, por toda a organização sindical, para brigar **com o capital e com o Estado, e não contra o capital e contra o Estado**. Foi sendo educada e se educando no sentido de crer que era possível participar do processo democrático burguês e no interior dele, sem fazer uma revolução, sem destruir, portanto, o Estado burguês, assumir o poder político burguês e com ele fazer inúmeras transformações permitindo, assim construir um mundo melhor.

A própria noção de socialismo, de comunismo, foi sendo rebaixada cada vez mais. O próprio Fórum Social Mundial - que surge para se opor ao Fórum Burguês capitalista – tem como palavra-



de-ordem “um outro mundo possível”. Qual era o nome desse mundo? Um mundo cidadão. Veja-se que rebaixamento. Mundo cidadão é aquele onde todos os trabalhadores continuam sendo explorados, pois cidadania é a expressão da exploração, não é condição de superação desse sistema de exploração. Se passarmos um traço de igualdade entre cidadania e comunismo é porque rebaixamos demais nossa consciência. Comunismo é algo para além da democracia e da cidadania, não é o aperfeiçoamento da cidadania e da democracia, é a superação disso.

O resultado ideológico e teórico de todo esse retrocesso é a deformação do pensamento marxiano, retirando-lhe o seu caráter revolucionário e conferindo-lhe um caráter reformista. As categorias de revolução e comunismo foram praticamente banidas do ideário. Em seu lugar foram postas as categorias da reforma, da democracia e da cidadania. O objetivo já não era destruir o capitalismo e construir uma sociedade comunista. Isto era considerado um objetivo utópico. Tratava-se de construir um Estado mais social, ampliar os direitos, universalizar as políticas públicas, melhorar a cidadania e o sistema político democrático. Com isso, aos poucos, se chegaria ao paraíso.

Hoje vemos onde estamos chegando. Não estamos chegando no paraíso, estamos chegando no inferno. Não é fato? Não é o que realmente está acontecendo hoje? Rebaixa-se o horizonte e obviamente se trabalha dentro dele. Só que dentro desse horizonte quem manda é o capital, dentro do sistema democrático burguês, ou seja, no sistema de cidadania e da democracia, quem manda é o capital. Pode-se entrar nesse campo, mas sempre subservientes ao capital. Ele até aceita os trabalhadores como parceiros e dissemina a ideia de que através do processo eleitoral é possível mudar o mundo. As pessoas acreditam e o capital agradece.

O fato é que a maioria dos partidos de esquerda, dos partidos comunistas, a maioria das organizações sindicais, as grandes centrais sindicais, todos eles entraram nesse jogo. Passaram a se associar à burguesia. Foi esse o caminho que levou a classe trabalhadora na hora da explosão da crise de 1970 a se encontrar numa situação completamente desnorteada, teórica e ideologicamente. Objetivamente submetida a partidos reformistas e a um sindicalismo pelego, mais ocupado em se ocupar de questões burocráticas do que em defender os interesses dos trabalhadores e elevar a sua consciência política. Isto significa entrar no jogo que interessa ao capital. Aqui no Brasil, a burocracia sindical, em sua grande maioria, não está interessada em mobilizar efetivamente os trabalhadores para a luta porque isso poria em perigo os seus próprios interesses.

Essa burocracia não está defendendo os interesses dos trabalhadores, está defendendo os interesses do capital, subsumindo os trabalhadores à lógica do capital. Além disso, e perversamente, ainda ao longo desse processo, já na segunda metade do século XIX, formou-se o que Engels, em sua obra *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, chamou de aristocracia operária. Lenin, no livro *Imperialismo, fase superior do capitalismo* também se referiu a essa categoria e hoje ela está em plena vigência. É um segmento da classe operária que tem salários melhores, que

tem qualificação melhor, que tem melhores condições de vida e, obviamente, esse segmento só tem essas condições porque recebe uma parte da mais-valia do restante dos trabalhadores. Ou seja, para que esses trabalhadores da aristocracia operária tenham a situação que tem, é necessário que o resto dos trabalhadores seja mais explorado.

Veja-se a perversidade dentro da própria classe trabalhadora. Obviamente esse segmento da classe trabalhadora, essa aristocracia operária, vai se aliar à burguesia para defender a sua situação. Agora estamos diante de um fato cruel: a maioria da classe trabalhadora tem não só a burguesia como também parte da própria classe operária como seu inimigo. E ainda toda a burocracia sindical e a maioria dos partidos ditos de esquerda contribuindo para os interesses do capital e não para o caminho da revolução. Esta é a situação na qual nos encontramos hoje. Diante dos avanços do capital, das medidas duras de intensificação da exploração, a classe trabalhadora não consegue sequer resistir, muito menos avançar.

Então, o que fazer? A primeira coisa é que, ao ver a situação concreta, não devemos desanimar. Algumas pessoas, inclusive intelectuais de esquerda, afirmam que acreditar que o socialismo é possível hoje é uma questão de fé. O que é um equívoco, pois se trata de uma questão de ciência e não de fé. Ciência no sentido de que temos argumentos, tirados do processo histórico, que nos permitem afirmar que o socialismo é uma possibilidade real. Não é uma questão inevitável, não é fácil, mas é uma possibilidade real. Do mesmo modo a destruição da humanidade também é uma questão de análise científica, não de fé. O capitalismo pode levar até à destruição da humanidade, não é inevitável que ele seja vencido, mas é possível.

Somos nós que fazemos a história humana e mais ninguém. É a classe operária, junto com outros segmentos da classe trabalhadora, que poderá vencer o capitalismo e construir uma sociedade comunista. A partir dessa análise emergem duas consequências fundamentais: primeiro, é preciso resgatar a perspectiva revolucionária, não em termos de fé, mas em termos de ciência. Mas ciência no sentido marxiano do termo, ciência de base ontológica, ciência que nos permita ver para além da imediatividade, articulando essência e aparência. Com isso, poderemos compreender o processo real e agir a partir desse conhecimento. Resumindo, somos nós que fazemos a história, não é nem Deus, nem a natureza. Para o bem ou para o mal, somos exclusivamente nós que fazemos a história. Por isso mesmo a revolução também depende de nós.

Segundo, é perfeitamente possível - já que a realidade humana é histórica e social - mudar integral e radicalmente o mundo. Não apenas aperfeiçoar, mas mudar radicalmente. Voltamos novamente à questão da raiz. Mudar o mundo significa, no presente momento, fazer uma revolução que tire de cena o trabalho assalariado e coloque em seu lugar o trabalho associado. Infelizmente, a maioria dos intelectuais defende a ideia de que não é possível mudar radicalmente o mundo. Isto porque eles se posicionam, consciente ou inconscientemente, a partir dos interesses da burguesia.

Mas se assumimos a perspectiva do proletariado, da classe operária, podemos, a partir do método marxiano, demonstrar que é possível mudar o mundo integralmente, que é possível fazer uma revolução.

### **Considerações finais**

Diante de uma situação tão difícil como a que caracterizamos acima, algumas tarefas se impõem para nós. A primeira delas é o resgate da perspectiva revolucionária. É preciso tornar a sustentar, com argumentos sólidos, a possibilidade e a necessidade da revolução, isto é, da superação radical e integral do sistema capitalista e o sentido original dessa categoria – uma revolução política com alma social. Também é preciso defender, de maneira sólida, a necessidade de destruir e não tomar o Estado, evidenciando a sua dependência ontológica em relação ao capital. Além disso, também é preciso resgatar o sentido marxiano original do conceito de comunismo, profundamente deformado tanto por inimigos quanto por amigos. Apropriar-se também da análise marxiana da sociedade capitalista, de modo a compreender a sua lógica, as suas contradições e a possibilidade de sua superação. Mas, para isso, antes de mais nada, é imperativo apropriar-se da concepção histórico-materialista da história e do método científico-filosófico, cujos fundamentos foram lançados por Marx. Importantíssimo também é resgatar a ideia de que o proletariado é o sujeito fundamental, embora não único da revolução. Além disso, e também do ponto de vista teórico, é necessário fazer a crítica do pensamento conservador sob as suas mais diversas formas e dos caminhos reformistas e politicistas da esquerda. É ocioso dizer que o conhecimento do processo histórico, desde os seus primórdios, também é tarefa imprescindível.

Essa é a primeira grande tarefa, resgatar a perspectiva revolucionária através do estudo sério. Se não for tomada decisão de estudar com seriedade, superando todos os bloqueios, todas as imposições contrárias, todas as dificuldades, estaremos apenas fazendo um discurso vazio.

Nós, que estamos na universidade, mesmo com toda a precariedade em que ela se encontra hoje, não podemos nos esquivar dessa tarefa. Se tivermos estas concepções sólidas a respeito da realidade social e da possibilidade e da necessidade da revolução e do comunismo, podemos, então, abrir brechas, podemos fazer aquilo que denomino de *Atividades Educativas Emancipadoras*. Condição fundamental para isso: o estudo sério do pensamento de Marx. Certamente, não se trata de estudar só Marx. Muitos outros autores também devem ser estudados. Mas, sem dúvida nenhuma, Marx é o autor que mais contribui para a compreensão do processo histórico humano, do sistema capitalista e para fundamentar a possibilidade e a necessidade de mudar integral e radicalmente o mundo.

A segunda tarefa diz respeito à ausência da classe operária. Como vimos, seu horizonte foi profundamente rebaixado, perdendo seu objetivo máximo: a construção de uma sociedade comunista,

e submetendo-se aos interesses da burguesia. Ela pode até estar presente fisicamente. Os trabalhadores fazem greve, lutam, fazem passeatas, fazem manifestações, mas a classe operária como classe, ou seja, com um projeto próprio de sociedade e um projeto que coloque o comunismo como horizonte, neste sentido ela está ausente. E nessa ausência, como vimos, a esquerda tem muita responsabilidade. A classe operária está desnorteada, fragmentada, política e ideologicamente submetida aos interesses burgueses. Está conduzida por partidos em sua maioria reformistas, por todo um sindicalismo e por centrais sindicais amplamente reformistas. Ela está, portanto, ausente. Ora, como vimos, a classe operária é o sujeito fundamental para a construção de uma sociedade comunista. Por isso mesmo, seu retorno é de absoluta necessidade.

Nós, como estudantes e professores, não pertencemos à classe operária. No máximo fazemos parte da classe trabalhadora, mas a única classe autenticamente revolucionária, ou seja, cuja demanda mais importante, que é a eliminação da exploração, não pode ser, de modo nenhum, satisfeita pelo capital, é a classe operária. Contribuir, teórica e praticamente, na medida do possível, para que a classe operária volte a retomar o seu lugar na luta também é tarefa nossa. Condição imprescindível para esse retorno é a superação do peleguismo sindical, do reformismo da maioria dos partidos que se dizem de esquerda e a organização independente dos trabalhadores em relação ao Estado.

Quanto à primeira tarefa, em vários textos meus podem ser encontradas algumas sugestões. Para a segunda não tenho sugestão alguma, a não ser que ela tem que ser feita. A classe operária tem que voltar a ser a locomotiva do processo revolucionário, em termos teóricos e ideológicos, no sentido de apontar o objetivo final e no sentido de ser aquela que dirige o processo, aquela que detém em suas mãos a chave da revolução.

Infelizmente, a situação, hoje, é muitíssimo difícil. A classe operária não quer fazer a revolução hoje, não quer mesmo. A classe operária, em sua maioria, não quer nem ouvir falar em comunismo, a alienação é muito grande, até porque todo o processo de luta das revoluções russa, chinesa, cubana, não deu certo. A deformação do ideário comunista foi muito grande. A maioria das pessoas é bombardeada diariamente, não só pela Rede Globo e outras redes, aqui no Brasil, mas por todo um sistema midiático, por todo um sistema educacional e por outros instrumentos de propagação ideológica, e também por muitos intelectuais com concepções e ideias contrárias ao comunismo.

Isso não significa que, se olharmos as coisas considerando a essência e a aparência, não possamos compreender que a classe operária tem esta tarefa independente de sua consciência e independente de que ela a esteja realizando. O caráter revolucionário da classe operária tem como fundamento a sua posição no processo de produção e não o seu estado de consciência ainda que este, para a luta, seja absolutamente imprescindível. Além disso, a história não é a repetição do hoje. Já houve vários momentos em que a superação radical do capitalismo era uma bandeira levantada bem alto. Por isso, conhecer a história das lutas sociais é tão importante. A primeira demonstração de que

uma revolução, no sentido marxiano, é possível, não foi dada pelo proletariado, mas pela burguesia. Quem fez a revolução francesa? A revolução francesa consistiu, essencialmente, em acabar com o feudalismo e instaurar o capitalismo, logo ela é possível. Isso nos remete a pensar que hoje o proletariado pode fazer algo semelhante e mais avançado ainda. Há todo um trabalho de agitação e propaganda a ser realizado, que poderá e deverá ser feito para que a bandeira da revolução volte a ser levantada bem alto.

Esse nível de agitação e propaganda poderá contribuir para que, aos poucos, na medida do aumento dos problemas sociais e da intensificação das lutas, seja elevado o nível da luta. As pessoas aos poucos iriam compreendendo que os problemas sociais não têm solução no capitalismo e que é preciso uma luta coletiva, de caráter cada vez mais universal para resolver os problemas da humanidade. As tarefas que estão postas são enormes, imensas, tanto as tarefas teóricas como as tarefas práticas. Cabe, agora, a cada um de nós, dizer o que está disposto a fazer.

### **Referências bibliográficas**

CLAUDÍN, Fernando. *A crise do movimento comunista*. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

ENGELS, F. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo, Boitempo, 2008.

LENIN, V. I. *O imperialismo, fase superior do capitalismo*. Lisboa, Avante, 1975.

\_\_\_\_\_, *O Estado e a Revolução*. São Paulo, Hucitec, 1978.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas*. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl. *Glosas críticas marginais ao artigo “O Rei da Prússia e a Reforma Social. De um prussiano”*. (1844). Tradução: Ivo Tonet. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ma000012.pdf> . Acesso em: 14 de outubro de 2017.

MARX, Karl. *Crítica do Programa de Gotha*. São Paulo: Boitempo, 2012.

MÉSZÁROS, I. *Para além do capital*. São Paulo, Boitempo, 2005.

TONET, I. *Descaminhos da esquerda: da centralidade do trabalho à centralidade da política*. São Paulo, Alfa/Ômega, 2009.